

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

OS "ERROS" ORTOGRÁFICOS E O ENSINO DA
GRAMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS

SIDNEY DIAS DE JESUS

nao

BIBLIOTECA	
UNIVERSITÁRIA	
Campus Pontes e Lacerda - MT	
RG N°	7468
Data	06 / 11 / 02

Ex 1
C 92563639

821.134.336
8582

PONTES E LACERDA, AGOSTO DE 2002

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

OS “ERROS” ORTOGRÁFICOS E O ENSINO DA
GRAMÁTICA NAS SÉRIES INICIAIS

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, como requisito final para a obtenção do grau
de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profª Marlene Flores

Pontes e Lacerda, agosto de 2002

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, MILTON e MARIA, que escolheram para mim o melhor caminho, o da escola.

À minha noiva MARINÊS, que soube compreender minhas angústias, dando-me forças e estímulos, quando eu mais precisava.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que mesmo longe, apoiou-me em todos os momentos desta longa caminhada, dando-me forças, entendendo a ausência e falta de atenção que muitas vezes proporcionei-lhes.

À Marinês, que além de tolerar-me no trabalho, ainda encontrou paciência para apoiar-me e verdadeiramente permanecer ao meu lado nas horas difíceis.

Aos meus amigos, em especial, aos colegas de viagem, que souberam entender minha impaciência e cansaço e incentivaram-me a continuar nesta estrada.

Aos professores, que com dedicação e carinho, conseguiram fazer com que eu trilhasse o caminho da sabedoria, construindo a cada momento o conhecimento.

Aos colegas de classe, em especial aos amigos, Henrique, Reinam, Késia, Vanderluce e Léa, quanta luta, quanto trabalho, quantas dificuldades; mas também, quantas alegrias, quantas vitórias e quantas comemorações após cada trabalho apresentado.

À professora Marlene, que com boa vontade e empenho pessoal, orientou-me neste ensaio monográfico, dirimindo minhas dúvidas e aclarando minhas idéias.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente auxiliaram-me, o meu muito obrigado.

“Quem fala uma língua sabe muito mais do
que aprendeu.”

Chomsky

SUMÁRIO

Apresentação.....	07
Quadro Teórico.....	09
Análise dos dados.....	16
Considerações Finais.....	22
Bibliografia.....	24

APRESENTAÇÃO

Este ensaio monográfico tem como proposta, analisar a linguagem de textos produzidos por alunos de 5º série do ensino médio da Escola Getúlio Vargas, no município de Nova Lacerda, principalmente no aspecto gramatical ortográfico, pois como bem sabemos a instituição escola não considera o conhecimento internalizado que o aluno traz do meio em que vive e condena os desvios ortográficos, atribuindo-lhes maior atenção do que realmente merecem.

Optamos por este tema impulsionados por uma inquietação que nos acompanha e que aflorou no decorrer do Curso de Letras, de que a escola dá uma atenção, ao nosso ver exagerada à aplicação da Gramática Normativa, ao mesmo tempo em que não reconhece a legitimidade da língua falada, pois considera como erro a fala e a escrita dos alunos que apenas se desviam da norma padrão.

Considerando que não existe erro de português e sim um desvio da ortografia oficial ditada pela norma padrão, é que estaremos refletindo e discorrendo sobre o que a Gramática Tradicional considera erro. Abordaremos sobre opções para aplicação da gramática no ensino fundamental, de maneira que ela seja produtiva ao alunado.

Mostraremos aqui alguns conceitos gramaticais, as relações entre língua e gramática, bem como os preconceitos lingüísticos existentes com os falantes que não seguem a norma culta.

À luz da teoria da Lingüística defendida pelos estudiosos Marcos Bagno, Luis Carlos Travaglia, Sírío Possenti, Celso Pedro Luft e outras leituras complementares que abordam o assunto com críticas fundamentadas é que se ampara o trabalho que se segue.

Os fragmentos de textos aqui analisados foram produzidos por alunos da 5ª série do ensino fundamental da Escola Getúlio Vargas, no município de Nova Lacerda-MT, em aulas regulares de Produção de Texto.

QUADRO TEÓRICO

A gramática nasceu por volta do século III, com a preocupação dos estudiosos da literatura grega, em preservar a língua na maior pureza possível, mas com o passar do tempo, essa gramática que tinha a função específica de cuidar da linguagem literária, desviou-se dessa função e começou a ser usada como um código de leis, e como tal foi sendo imposta à toda população, inclusive nas escolas.

As primeiras gramáticas da Língua Portuguesa foram escritas a partir de 1536, período dos grandes descobrimentos, o que nos deixa bastante latente uma certa conexão entre gramática e império (poder dominante).

Nesta época, já existiam nas línguas européias, muitas variedades lingüísticas, que ao invés de serem encaradas como riquezas, foram vistas como prejudicial à unidade do Império, que visava a criação de uma língua que servisse como instrumento de dominação sobre as terras e povos conquistados.

Num processo, em que foram escolhidas as regras que mais se aproximavam do latim clássico, foram excluídas regras que tinham uma longa tradição de uso na língua vigente e por esse motivo nunca deixaram de serem usadas.

Tendo sido usada como objeto de dominação, de imposição e controle do poder colonial, essa norma padrão passou a ser identificada como a Língua Portuguesa, sendo na realidade, apenas uma pequena parte dela, ou ainda, apenas uma variedade das muitas existentes. Desta forma, nas palavras de BAGNO (2001:49), “todo o grande fluxo da língua, suas águas correntes, o rio caudaloso e vivo que corre há mais de mil anos, foi deixado de lado e, pior, foi considerado ‘caótico’, ‘confuso’, ‘sem regras’, ‘ilógico’, ‘feio’, ‘errado’, ‘pobre’.”

A confusão entre língua e gramática, vem sendo um grande problema no ensino da Língua Portuguesa na escola, sendo comum o aluno terminar o ensino

fundamental e médio, dizendo que não sabe nada de gramática, ou mesmo que não sabe português. Nas escolas costuma-se pensar que para falar e escrever bem é necessário saber gramática e aprender todas as suas regras e normas. A grande maioria dos lingüistas combate essa idéia, dentre eles PERINI (2001:50), afirma que “não existe um grão de evidência em favor disso; toda evidência é em contrário. A conclusão necessária é que as pessoas que escrevem bem nem sempre (na verdade quase nunca) sabem gramática.”

Os professores sentem-se angustiados em sala de aula sem saber como proceder de forma satisfatória e produtiva o ensino da gramática.

Para aclarar um pouco mais este nosso trabalho e qualquer que seja o objetivo da discussão, é necessário primeiramente que saibamos o que é gramática. Todavia a definição de gramática seja bastante variada, pois cada estudioso tem a sua definição, podemos afirmar que gramática significa “conjunto de regras” e está subdividida basicamente em três sentidos.

No primeiro sentido temos a gramática normativa, que é concebida como um manual de regras e normas que deve ser seguido por quem pretende falar e escrever bem. Nesse sentido, a gramática só reconhece como língua a norma dita padrão ou culta, considerando as demais variedades da língua como erros, deformações lingüísticas e degenerações da língua. É esta, geralmente, a gramática adotada nas escolas, através dos livros didáticos e gramáticas pedagógicas, e trata somente da variedade da língua que se considerou como norma culta, descrevendo portanto essa variedade e condenando todas as outras que não estão de acordo com suas normas.

Essa concepção ignora as características próprias da língua oral, depreciando as outras variedades por basear-se em parâmetros muitas vezes equivocados, como: purismo, vernaculidade, classe social de prestígio e principalmente por basear-se no uso consagrado pelos bons escritores, os chamados clássicos.

Para essa concepção de gramática FRANCHI afirma que “gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, com base no uso consagrado pelos bons escritores.” (in TRAVAGLIA, 1997:24).

A segunda concepção de gramática é aquela chamada de gramática descritiva, como o próprio nome sugere, ela faz uma descrição da estrutura e do funcionamento da língua, de sua forma e função, aceitando seu uso e formas nos dizeres dos usuários desta língua. Nesse caso, gramática seria “um conjunto de regras que o cientista encontra nos dados que analisa, à luz de determinada teoria e método.” (TRAVAGLIA, 1997:27). Essas regras seriam as utilizadas pelos falantes na construção real dos enunciados.

Essa concepção considera como gramatical tudo o que atende às regras de funcionamento da língua e saber gramática nesse caso, significa “ser capaz de distinguir nas expressões de uma língua, as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção, descrevendo com elas sua estrutura interna e avaliando sua gramaticalidade.” (TRAVAGLIA, 1997:27).

Representam essa concepção, as gramáticas que privilegiam a descrição da língua oral e as gramáticas que trabalham com enunciados ideais, ou seja, produzidos por um falante-ouvinte ideal. As correntes lingüísticas que alicerçam esse tipo de gramática propõem uma homogeneidade do sistema lingüístico, abstraindo a língua de seu contexto, trabalhando com um sistema formal abstrato que regularia o uso de cada variedade lingüística.

A terceira concepção de gramática é aquela que considera a língua como um conjunto de regras, que o falante de fato aprendeu e dos quais lança mão ao falar. Nesse caso, saber gramática não depende, em princípio de escolarização, mas de um amadurecimento progressivo na própria atividade lingüística, uma vez que não

existem erros, desde que não haja comprometimento da interação comunicativa. “Existem, sim, formas de uso da língua diferentes daquelas que são impostas pela tradição gramatical. No entanto, essas formas diferentes, quando analisadas com critérios, revelam-se perfeitamente lógicas e coerentes.” (BAGNO, 2001:25-26).

O usuário desta gramática precisa saber muito mais do que apenas regras de construção de frases, pois a gramática internalizada “é que constitui não só a competência gramatical do usuário, mas também sua competência textual e sua competência discursiva e, portanto, a que possibilita a sua competência comunicativa.” (TRAVAGLIA, 1997:30).

Ainda hoje no Brasil, acredita-se que a Gramática Tradicional seja o eixo principal no ensino da língua portuguesa nas escolas. As gramáticas são utilizadas para ensinar normas e regras aos alunos da pior maneira possível, a da imposição, o que sem dúvida alguma constrange e reprime o aluno, que com esse método sente-se inferior, incapaz de aprender e construir seu conhecimento. Assim o aluno é tratado como um deficiente lingüístico, e é esta a mesma caracterização que recai sobre a grande maioria da população economicamente inferior, que utiliza o PNP (português não-padrão). Marcos Bagno aborda este assunto no livro *A língua de Eulália – Novela Sociolingüística*, colocando que o português-não-padrão é a língua da maioria pobre e dos analfabetos de nosso povo.

“É também conseqüentemente, a língua das crianças pobres e carentes que freqüentam as escolas públicas. Por ser utilizados por pessoas de classes sociais desprestigiadas, marginalizadas, oprimidas pela terrível injustiça social que impera no Brasil – o PNP é vítima dos mesmos preconceitos que pesam sobre essas pessoas. Ele é considerado ‘feio’, ‘deficiente’, ‘pobre’, ‘errado’, ‘rude’, ‘tosco’, ‘estropiado’.” (BAGNO, 2001:28).

Quando se fala em ensino da gramática – já que a proposta gramatical consta dos currículos escolares desde as séries iniciais – os professores logo pensam no ensino das regras e das normas gramaticais, talvez por tradição ou comodidade, mas esse não é o caminho que deverá ser percorrido. BAGNO a este respeito afirma que:

“O ensino da gramática normativa mais estrita, a obsessão terminológica, a paranóia classificatória, o apego à nomenclatura – nada disso serve para formar um bom usuário da língua em sua modalidade culta. Esforça-se para que o aluno conheça de cor o nome de todas as classes de palavras, saiba identificar os termos da oração, classifique as orações segundo seus tipos, decore as definições tradicionais de sujeito, objeto, verbo, conjunção etc. Nada disso é garantia de que esse aluno se tornará um usuário competente da língua culta.” (BAGNO, 1999:119).

É curiosa a maneira como alguns gramáticos insistem no mito da língua única, ignorando que os falantes nativos sabem sua língua, precisando tão somente praticá-la em outros níveis e situações. Esses gramáticos tradicionais não aceitam as transformações que ocorrem na língua, parecem não saber também que o estado atual de qualquer língua falada é bastante diferente do que era há algum tempo e do que será nos próximos séculos.

O conceito de língua e gramática se confundem, pois os responsáveis pelo ensino costumam ver o estudo da língua como o ensino da gramática. Esta confusão faz com que o que deveria ser prazeroso ao aluno, se torne em aborrecimentos e frustrações, pois “um ensino gramaticalista abafa justamente os talentos naturais, incurte insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo a expressão livre e autêntica de si mesmo.” (LUFT, 1995:21).

Não estamos aqui pregando a extinção das regras gramaticais no ensino da Língua Portuguesa no Brasil, mas compartilhamos da idéia de que se deve ensinar a escrever a ortografia oficial, sem reprovar e considerar estropeado o conhecimento e

a língua que o aluno já traz dentro de si e que aprendeu no meio em que vive, ou seja, a sua gramática internalizada.

Possenti defende primeiramente o ensino da língua propriamente dita, por meio de projetos de leitura e escrita, para então, após o domínio desta língua, partir para o estudo de sua estrutura, isso porque, no seu entendimento, para obtenção e conhecimento de uma língua, não é necessário o estudo de suas regras, pois se assim fosse, nenhuma criança aprenderia, uma vez que elas não se submetem a este tipo de ensino e cobrança.

“Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua e saber analisá-la é outra. Que saber suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada ‘sobre’ ela, por um lado, é perfeitamente possível saber muito ‘sobre’ uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais.” (POSSENTI, 1997:54)

Podemos notar então que o ensino da variedade padrão é fundamental e viável, contudo o ensino sistemático da gramática é dispensável e como já foi dito anteriormente não devemos confundir ensino de uma língua com ensino de gramática, haja vista que o ensino de uma não está intrinsecamente ligado à outra. A modalidade padrão deve aparecer como uma das várias possibilidades que o aluno dispõe para interagir nas mais diversas situações em que se encontrar ao longo de sua vida, pois “aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas. Não se deveria imaginar que existe uma só forma de falar...” (POSSENTI, 1997:92).

O domínio da norma-padrão certamente não garantirá ao falante do PNP “subir na vida” automaticamente, mas é uma fórmula que este falante de PNP tem de defender seus direitos, lutando com as mesmas armas em pé de igualdade, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais reservados às elites dominantes.

A língua, como já vimos, é natural, ao contrário da ortografia que foi um artifício criado pelos seres humanos para registrar por mais tempo as coisas ditas. A ortografia, ainda hoje, depende de decisão política, pois é regulamentada através de ato do governo, do poder dominante. Na visão de Bagno é esse um dos motivos que a alteração da ortografia, não provoca alterações na estrutura da língua, como no caso do PH (pharmácia) que foi extinto da nossa língua. Escrever de acordo com a ortografia oficial requer aprendizado e treinamento constante, por isso mesmo não se deve esperar dos alunos iniciantes do ensino fundamental, que eles apresentem em suas produções textuais, uma forma escrita fiel à norma padrão. Devemos sim fazer com que estes alunos sejam capazes de produzir, criar, argumentar, entender e interpretar textos, pois a ortografia correta ele só adquirirá no decorrer da sua vida escolar e cultural.

Preocupado com os “erros” ortográficos, muitas vezes o aluno deixa de expressar suas idéias, pois não sabe se determinada palavra se escreve com esta ou aquela letra. É acerca destes desvios e dificuldades encontradas pelos alunos que tratará a análise que se segue.

ANÁLISE DOS DADOS

Os fragmentos textuais aqui analisados, foram retirados de textos produzidos por alunos de uma 5ª série, e por certo apresentam características especiais e peculiares. Esses textos não apresentam muito cuidado ortográfico por parte de seus produtores, talvez pela falta de estímulo e método utilizado pelo professor, apresentando às vezes formas inusitadas e interessantes.

Para efeito de análise, os fragmentos aqui coletados restringem-se apenas aos textos de maior impacto em relação à Gramática Normativa. Comprovando que o preconceito é muito mais social do que lingüístico, os autores dos textos aqui recolhidos, pertencem na sua grande maioria, à classe social baixa, com pais analfabetos ou semi-analfabetos, ou seja, são detentores do português-não-padrão e da gramática internalizada.

No decorrer desta análise, perceberemos nos textos, traços na escrita que indicam possíveis influências da língua falada, como troca de letras, extinção de sinais gráficos e supressões de fonemas.

Em relação ao aspecto gráfico dos textos notamos casos que são reflexos da oralidade na escrita, no caso das palavras *rino* (rindo), *cortá* (cortar), *poriso* (por isso), *deis* (desde). Essa certa infiltração da fala na escrita é perfeitamente justificável, uma vez que a fala é a língua tal qual como ela foi aprendida com a família e com a comunidade em que o falante vive. Esses, ao produzirem o texto, escreveram desta forma, porque ainda não têm conhecimento da norma culta, então, simplesmente transcreveram da forma mais fiel possível o que falam. Pior do que cometer esses desvios, é se preocupar em demasia com o aspecto ortográfico e esquecer do discurso lingüístico, como afirma CAGLIARI:

$$T_{\text{eff}} = T_0 \left(1 + \frac{\alpha}{2} \right) \quad \text{for } \alpha < 2$$
[illegible]
$$e^{i\theta} = \cos \theta + i \sin \theta \quad \text{and} \quad e^{-i\theta} = \cos \theta - i \sin \theta \quad \text{for } \theta \in \mathbb{R}.$$

Shah et al. / *Gender and the Role of the Family* 101

$$f(t) = \begin{cases} t^2 & 0 \leq t \leq 1 \\ 2t - 1 & 1 \leq t \leq 2 \\ 0 & t \geq 2 \end{cases}$$

Journal of Interpersonal Violence 26(10) 1978–1997
© The Author(s) 2011
Reprints and permissions: <http://www.sagepub.com/journalsPermissions.nav>

$$1) \text{ } \mathcal{B}(\mathcal{C}) = \{ \mathcal{C} \} \text{ and } \mathcal{B}(\mathcal{C}) \cap \mathcal{B}(\mathcal{C}') = \emptyset \text{ for } \mathcal{C} \neq \mathcal{C}' \text{ and } \mathcal{C}, \mathcal{C}' \in \mathcal{C} \text{ and } \mathcal{C}, \mathcal{C}' \in \mathcal{C}'$$
[illegible]

Figure 1. The effect of the concentration of the *Agaricus bisporus* spores on the growth of *Agaricus bisporus* on the substrate.

1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 26

$\frac{d}{dt} \left(\frac{\partial L}{\partial \dot{x}} \right) = \frac{\partial L}{\partial x}$

Journal of Management Inquiry 22(1) 3-16

7. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud.

[illegible]

1996, 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022, 2023, 2024, 2025, 2026, 2027, 2028, 2029, 2030, 2031, 2032, 2033, 2034, 2035, 2036, 2037, 2038, 2039, 2040, 2041, 2042, 2043, 2044, 2045, 2046, 2047, 2048, 2049, 2050, 2051, 2052, 2053, 2054, 2055, 2056, 2057, 2058, 2059, 2060, 2061, 2062, 2063, 2064, 2065, 2066, 2067, 2068, 2069, 2070, 2071, 2072, 2073, 2074, 2075, 2076, 2077, 2078, 2079, 2080, 2081, 2082, 2083, 2084, 2085, 2086, 2087, 2088, 2089, 2090, 2091, 2092, 2093, 2094, 2095, 2096, 2097, 2098, 2099, 2100, 2101, 2102, 2103, 2104, 2105, 2106, 2107, 2108, 2109, 2110, 2111, 2112, 2113, 2114, 2115, 2116, 2117, 2118, 2119, 2120, 2121, 2122, 2123, 2124, 2125, 2126, 2127, 2128, 2129, 2130, 2131, 2132, 2133, 2134, 2135, 2136, 2137, 2138, 2139, 2140, 2141, 2142, 2143, 2144, 2145, 2146, 2147, 2148, 2149, 2150, 2151, 2152, 2153, 2154, 2155, 2156, 2157, 2158, 2159, 2160, 2161, 2162, 2163, 2164, 2165, 2166, 2167, 2168, 2169, 2170, 2171, 2172, 2173, 2174, 2175, 2176, 2177, 2178, 2179, 2180, 2181, 2182, 2183, 2184, 2185, 2186, 2187, 2188, 2189, 2190, 2191, 2192, 2193, 2194, 2195, 2196, 2197, 2198, 2199, 2200, 2201, 2202, 2203, 2204, 2205, 2206, 2207, 2208, 2209, 2210, 2211, 2212, 2213, 2214, 2215, 2216, 2217, 2218, 2219, 2220, 2221, 2222, 2223, 2224, 2225, 2226, 2227, 2228, 2229, 2230, 2231, 2232, 2233, 2234, 2235, 2236, 2237, 2238, 2239, 2240, 2241, 2242, 2243, 2244, 2245, 2246, 2247, 2248, 2249, 2250, 2251, 2252, 2253, 2254, 2255, 2256, 2257, 2258, 2259, 2260, 2261, 2262, 2263, 2264, 2265, 2266, 2267, 2268, 2269, 2270, 2271, 2272, 2273, 2274, 2275, 2276, 2277, 2278, 2279, 2280, 2281, 2282, 2283, 2284, 2285, 2286, 2287, 2288, 2289, 2290, 2291, 2292, 2293, 2294, 2295, 2296, 2297, 2298, 2299, 2300, 2301, 2302, 2303, 2304, 2305, 2306, 2307, 2308, 2309, 2310, 2311, 2312, 2313, 2314, 2315, 2316, 2317, 2318, 2319, 2320, 2321, 2322, 2323, 2324, 2325, 2326, 2327, 2328, 2329, 2330, 2331, 2332, 2333, 2334, 2335, 2336, 2337, 2338, 2339, 2340, 2341, 2342, 2343, 2344, 2345, 2346, 2347, 2348, 2349, 2350, 2351, 2352, 2353, 2354, 2355, 2356, 2357, 2358, 2359, 2360, 2361, 2362, 2363, 2364, 2365, 2366, 2367, 2368, 2369, 2370, 2371, 2372, 2373, 2374, 2375, 2376, 2377, 2378, 2379, 2380, 2381, 2382, 2383, 2384, 2385, 2386, 2387, 2388, 2389, 2390, 2391, 2392, 2393, 2394, 2395, 2396, 2397, 2398, 2399, 2400, 2401, 2402, 2403, 2404, 2405, 2406, 2407, 2408, 2409, 2410, 2411, 2412, 2413, 2414, 2415, 2416, 2417, 2418, 2419, 2420, 2421, 2422, 2423, 2424, 2425, 2426, 2427, 2428, 2429, 2430, 2431, 2432, 2433, 2434, 2435, 2436, 2437, 2438, 2439, 2440, 2441, 2442, 2443, 2444, 2445, 2446, 2447, 2448, 2449, 2450, 2451, 2452, 2453, 2454, 2455, 2456, 2457, 2458, 2459, 2460, 2461, 2462, 2463, 2464, 2465, 2466, 2467, 2468, 2469, 2470, 2471, 2472, 2473, 2474, 2475, 2476, 2477, 2478, 2479, 2480, 2481, 2482, 2483, 2484, 2485, 2486, 2487, 2488, 2489, 2490, 2491, 2492, 2493, 2494, 2495, 2496, 2497, 2498, 2499, 2500, 2501, 2502, 2503, 2504, 2505, 2506, 2507, 2508, 2509, 2510, 2511, 2512, 2513, 2514, 2515, 2516, 2517, 2518, 2519, 2520, 2521, 2522, 2523, 2524, 2525, 2526, 2527, 2528, 2529, 2530, 2531, 2532, 2533, 2534, 2535, 2536, 2537, 2538, 2539, 2540, 2541, 2542, 2543, 2544, 2545, 2546, 2547, 2548, 2549, 2550, 2551, 2552, 2553, 2554, 2555, 2556, 2557, 2558, 2559, 2560, 2561, 2562, 2563, 2564, 2565, 2566, 2567, 2568, 2569, 2570, 2571, 2572, 2573, 2574, 2575, 2576, 2577, 2578, 2579, 2580, 2581, 2582, 2583, 2584, 2585, 2586, 2587, 2588, 2589, 2590, 2591, 2592, 2593, 2594, 2595, 2596, 2597, 2598, 2599, 2600, 2601, 2602, 2603, 2604, 2605, 2606, 2607, 2608, 2609, 2610, 2611, 2612, 2613, 2614, 2615, 2616, 2617, 2618, 2619, 2620, 2621, 2622, 2623, 2624, 2625, 2626, 2627, 2628, 2629, 2630, 2631, 2632, 2633, 2634, 2635, 2636, 2637, 2638, 2639, 2640, 2641, 2642, 2643, 2644, 2645, 2646, 2647, 2648, 2649, 2650, 2651, 2652, 2653, 2654, 2655, 2656, 2657, 2658, 2659, 2660, 2661, 2662, 2663, 2664, 2665, 2666, 2667, 2668, 2669, 2670, 2671, 2672, 2673, 2674, 2675, 2676, 2677, 26

[illegible][illegible]

1. *Phragmites australis* (Cav.) Trin. ex Steud. (Common reed)

[illegible]

© 2006 The Authors
Journal compilation © 2006 Blackwell Publishing Ltd

2010年12月10日 星期五

[illegible]

1972-1973, 1974-1975, 1976-1977, 1978-1979, 1980-1981, 1982-1983, 1984-1985, 1986-1987, 1988-1989, 1990-1991, 1992-1993, 1994-1995, 1996-1997, 1998-1999, 2000-2001, 2002-2003, 2004-2005, 2006-2007, 2008-2009, 2010-2011, 2012-2013, 2014-2015, 2016-2017, 2018-2019, 2020-2021, 2022-2023, 2024-2025, 2026-2027, 2028-2029, 2030-2031, 2032-2033, 2034-2035, 2036-2037, 2038-2039, 2040-2041, 2042-2043, 2044-2045, 2046-2047, 2048-2049, 2050-2051, 2052-2053, 2054-2055, 2056-2057, 2058-2059, 2060-2061, 2062-2063, 2064-2065, 2066-2067, 2068-2069, 2070-2071, 2072-2073, 2074-2075, 2076-2077, 2078-2079, 2080-2081, 2082-2083, 2084-2085, 2086-2087, 2088-2089, 2090-2091, 2092-2093, 2094-2095, 2096-2097, 2098-2099, 2100-2101, 2102-2103, 2104-2105, 2106-2107, 2108-2109, 2110-2111, 2112-2113, 2114-2115, 2116-2117, 2118-2119, 2120-2121, 2122-2123, 2124-2125, 2126-2127, 2128-2129, 2130-2131, 2132-2133, 2134-2135, 2136-2137, 2138-2139, 2140-2141, 2142-2143, 2144-2145, 2146-2147, 2148-2149, 2150-2151, 2152-2153, 2154-2155, 2156-2157, 2158-2159, 2160-2161, 2162-2163, 2164-2165, 2166-2167, 2168-2169, 2170-2171, 2172-2173, 2174-2175, 2176-2177, 2178-2179, 2180-2181, 2182-2183, 2184-2185, 2186-2187, 2188-2189, 2190-2191, 2192-2193, 2194-2195, 2196-2197, 2198-2199, 2200-2201, 2202-2203, 2204-2205, 2206-2207, 2208-2209, 2210-2211, 2212-2213, 2214-2215, 2216-2217, 2218-2219, 2220-2221, 2222-2223, 2224-2225, 2226-2227, 2228-2229, 2230-2231, 2232-2233, 2234-2235, 2236-2237, 2238-2239, 2240-2241, 2242-2243, 2244-2245, 2246-2247, 2248-2249, 2250-2251, 2252-2253, 2254-2255, 2256-2257, 2258-2259, 2260-2261, 2262-2263, 2264-2265, 2266-2267, 2268-2269, 2270-2271, 2272-2273, 2274-2275, 2276-2277, 2278-2279, 2280-2281, 2282-2283, 2284-2285, 2286-2287, 2288-2289, 2290-2291, 2292-2293, 2294-2295, 2296-2297, 2298-2299, 2300-2301, 2302-2303, 2304-2305, 2306-2307, 2308-2309, 2310-2311, 2312-2313, 2314-2315, 2316-2317, 2318-2319, 2320-2321, 2322-2323, 2324-2325, 2326-2327, 2328-2329, 2330-2331, 2332-2333, 2334-2335, 2336-2337, 2338-2339, 2340-2341, 2342-2343, 2344-2345, 2346-2347, 2348-2349, 2350-2351, 2352-2353, 2354-2355, 2356-2357, 2358-2359, 2360-2361, 2362-2363, 2364-2365, 2366-2367, 2368-2369, 2370-2371, 2372-2373, 2374-2375, 2376-2377, 2378-2379, 2380-2381, 2382-2383, 2384-2385, 2386-2387, 2388-2389, 2390-2391, 2392-2393, 2394-2395, 2396-2397, 2398-2399, 2400-2401, 2402-2403, 2404-2405, 2406-2407, 2408-2409, 2410-2411, 2412-2413, 2414-2415, 2416-2417, 2418-2419, 2420-2421, 2422-2423, 2424-2425, 2426-2427, 2428-2429, 2430-2431, 2432-2433, 2434-2435, 2436-2437, 2438-2439, 2440-2441, 2442-2443, 2444-2445, 2446-2447, 2448-2449, 2450-2451, 2452-2453, 2454-2455, 2456-2457, 2458-2459, 2460-2461, 2462-2463, 2464-2465, 2466-2467, 2468-2469, 2470-2471, 2472-2473, 2474-2475, 2476-2477, 2478-2479, 2480-2481, 2482-2483, 2484-2485, 2486-2487, 2488-2489, 2490-2491, 2492-2493, 2494-2495, 2496-2497, 2498-2499, 2500-2501, 2502-2503, 2504-2505, 2506-2507, 2508-2509, 2510-2511, 2512-2513, 2514-2515, 2516-2517, 2518-2519, 2520-2521, 2522-2523, 2524-2525, 2526-2527, 2528-2529, 2530-2531, 2532-2533, 2534-2535, 2536-2537, 2538-2539, 2540-2541, 2542-2543, 2544-2545, 2546-2547, 2548-2549, 2550-2551, 2552-2553, 2554-2555, 2556-2557, 2558-2559, 2560-2561, 2562-2563, 2564-2565, 2566-2567, 2568-2569, 2570-2571, 2572-2573, 2574-2575, 2576-2577, 2578-2579, 2580-2581, 2582-2583, 2584-2585, 2586-2587, 2588-2589, 2590-2591, 2592-2593, 2594-2595, 2596-2597, 2598-2599, 2600-2601, 2602-2603, 2604-2605, 2606-2607, 2608-2609, 2610-2611, 2612-2613, 2614-2615, 2616-2617, 2618-2619, 2620-2621, 2622-2623, 2624-2625, 2626-2627, 2628-2629, 2630-2631, 2632-2633, 2634-2635, 2636-2637, 2638-2639, 2640-2641, 2642-2643, 2644-2645, 2646-2647, 2648-2649, 2650-2651, 2652-2653, 2654-2655, 2656-2657, 2658-2659, 2660-2661, 2662-2663, 2664-2665, 2666-2667, 2668-2669, 2670-2671, 2672-2673, 2674-2675, 2676-2677, 2678-2679, 2680-2681, 2682-2683, 2684-2685, 2686-2687, 2688-2689, 2690-2691, 2692-2693, 2694-2695, 2696-2697, 2698-2699, 2700-2701, 2702-2703, 2704-2705, 2706-2707, 2708-2709, 2710-2711, 2712-2713, 2714-2715, 27

“O excesso de preocupação com a ortografia desvia a atenção do aluno, destruindo o discurso lingüístico, o texto, para se concentrar no aspecto mais secundário e menos interessante da atividade de escrita.” (CAGLIARI, 1989:124)

Luft defende que não haveria língua escrita se não houvesse a língua falada, e em consonância com Cagliari também afirma que a escrita é secundária e totalmente artificial, por isso requer um treinamento e um aprendizado paulatino, através de exercícios de aprendizagem de regras e normas que obedeçam à regra conservadora. Assim entendemos ser natural, que o alunado, que apresenta pouca familiaridade com a norma padrão, venha a cometer estes desvios da ortografia oficial.

Dentre os fragmentos de textos analisados, selecionamos alguns desvios ortográficos comumente encontrado nas produções textuais, a saber: *rino*, *sosinho*, *concigo*, *viaje* (viagem), *cauçada*, *voutou*, *abril* (abriu), *comesou*, *Joéu*, *auto* (alto) e *deis* (desde).

Detectamos na forma acima *rino*, que este processo é comum até mesmos entre os falantes escolarizados em situações informais. A pronúncia da terminação *no* em detrimento de *ndo*, que seria a forma correta do gerúndio ditada pela gramática normativa é comumente ouvida e pode ser notada nas formas *cantano* (cantando), *comeno* (comendo) e *andano* (andando), quando não ouvimos um *nu* (*andanu*).

Desta forma, o que ocorreu em *rimu*, foi mais uma vez a transcrição da fala do aluno, por desconhecimento da forma *rindo*, que é a forma exigida pela norma padrão e que ele deverá aprender na escola, para uso em ocasiões mais formais e em textos escritos.

A esse processo que ocorre na língua portuguesa da substituição da terminação *ndo* pelo *no*, chama-se assimilação, que segundo o Dicionário de Lingüística da editora Cultrix, é um tipo de modificação sofrida por um fonema em

contato com um fonema vizinho, que se deve ao fato das duas unidades em contato terem traços articulatórios comuns. É o caso do N e do D que pertencem à classe das consoantes, chamadas dentais, ou seja, são produzidas na mesma zona de articulação, por isso sofrem uma

“força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes...No caso de falando que se torna falano, o que ocorreu foi uma assimilação do D pelo N. Primeiro falando passou a falanno com um N duplo. Logo depois, esse N se simplificou.” (BAGNO, 2001:78)

Dentre os textos analisados, registramos também uma certa indecisão dos alunos, quanto ao uso do L pelo U, do Z pelo S, do C pelo S e SS e do J pelo G, como podemos notar nas palavras, *sosinho*, *concigo*, *viaje* (viagem), *cauçada*, *voutou*, *abril* (abriu), *comesou*, *Joéu* e *auto* (alto).

A complexidade da relação entre letra/som é muito grande, sobretudo se levarmos em consideração as variações geográficas e sociais na pronúncia. Na palavra *comesou* especificamente, a dificuldade de escolher entre S, Ç e SS na última sílaba, decorre da falta de correspondência entre sons e letras na ortografia vigente. Ainda em *comesou*, bem como nas palavras *cauçada*, *voutou*, *Joéu* e *auto* (alto), quando ocorre o a troca do L pelo U, podemos afirmar que de novo o que ocorreu foi a falta de correspondência entre letras e sons, pois quando o aluno foi alfabetizado ele aprendeu U por U, assim sendo ele espera que exista uma correspondência imutável e confiável entre sons e letras.

Na nossa região, e acreditamos que na grande maioria do Brasil, não há qualquer diferença entre o som que se escreve no final de uma sílaba com a letra L

(varal) e a letra U . Vejamos como exemplo as palavras *mal* e *mau*, com sons que não diferem um do outro, apesar da grafia apresentar diferenças.

Se considerarmos as várias possibilidades de relação entre sons e letras existentes em nossa língua, fica perfeitamente justificada a existência dessas dúvidas e hesitações na hora de grafarmos algumas palavras. Vale lembrar, que essas dúvidas não ocorrem só por parte dos alunos nas séries iniciais, mas também por parte das pessoas escolarizadas, uma vez que, como já vimos, a escrita nunca consegue reproduzir fielmente a fala, e sua regularidade ortográfica depende de memorização e treinamento constante.

A norma padrão está sempre em atraso em relação à variedade da língua, onde as formas novas não param de surgir. Por isso é comum ouvirmos *onte*, *garage* e *home*. A esse processo de supressão do M (nasal) no fim das palavras, a Linguística chama de *desnasalização das vogais postônicas*. Segundo Bagno existe na língua portuguesa uma tendência de se eliminar o som nasal das vogais que estão depois da sílaba tônica, conforme podemos detectar no quadro abaixo, transcrito da página 115 do livro **A língua de Eulália - Novela Sociolingüística**:

LATIM	PORTUGUÊS
abdômen	abdome
bitumen	betume
certamen	certame
cerumen	cerume
strumen	estrume
examen	exame
germen	germe
legumen	legume
lumen	lume
nomen	nome
regimen	regime
volumen	volume

E é por isso que até hoje algumas palavras que derivaram da forma original em latim, conservam o N, como podemos notar em abdomiNal, examiNar, lumiNária e nomiNal, outras porém, conservaram dupla grafia (abdome/abdômen, germe/gérmen), só que as formas com a terminação N praticamente não são usadas, nem na língua oral, nem na escrita.

Esse processo não só atacou as palavras do quadro acima (terminadas em N), mas ocorreu “também em ‘homem’, ‘ontem’, ‘Virgem’, além das inúmeras palavras terminadas em - agem (garagem, viagem, bobagem etc).” (BAGNO, 2001:116)

Desta forma, acreditamos que não ocorreu erro por parte deste aluno que grafou a palavra *viaje* em vez de *viagem*, e sim um desvio ortográfico da norma oficial, que deve ser uma das variedades ensinada na escola. Caberá ao professor corrigir esse aluno com a consciência de que está tentando ensinar uma forma oficial, padrão, culta, que na verdade é apenas conservadora e que quase sempre é vista pelo aluno como uma língua estrangeira, uma vez que ele não tem contato direto com ela.

Como já dissemos, a escrita é uma forma convencional e artificial de se transcrever a fala. Isso ficou bastante latente quando conversamos informalmente com o aluno que escreveu *deis* em vez de *desde*, ele pronuncia exatamente como escreveu, porque *deis* faz parte da sua variedade lingüística, da sua gramática internalizada. Fica visível também, o enorme abismo existente entre a norma-padrão e a língua realmente falada, mas Possenti se coloca a favor dessas variações lingüísticas, quando diz que: “diferenças lingüísticas não são erros, são apenas construções ou formas que divergem de um certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua.” (POSSENTI, 1997:80)

Para Possenti saber uma língua é dispor de um conjunto articulado de hipóteses sobre as regras que a língua segue, de maneira que estamos sempre

[illegible]

incorporando hipóteses desse tipo, e esse conjunto de regras é que acionamos conforme as circunstâncias e as necessidades de interação.

Desta forma, acreditamos que os autores dos textos analisados, não podem ser excluídos e tachados de “não saber português”, pois eles dispõem de um conjunto de regras, que usam conforme as circunstâncias e necessidades de interação. Como já vimos, esses alunos seguem sistematicamente as regras da gramática internalizada, então não deverão os desvios ser considerados erros e sim acertos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos textos dos alunos de 5ª série, mostra que é impossível seguir fielmente as regras da Gramática Normativa, mesmo porque esta, às vezes se mostra incoerente e sem fundamentações lógicas.

Sendo criados em lares de baixa renda financeira, rodeados por falantes do português-não-padrão, esses alunos ao chegarem à escola, se deparam praticamente com uma língua estrangeira, apesar da mesma ser considerada a “língua falada no Brasil”. O importante é reconhecer as variedades da língua, deixar de considerar essas diferenças como “erros” e admitir que se trata de regras gramaticais específicas da língua utilizada por esses alunos. Esses alunos só escreverão de acordo com a ortografia oficial, após um processo longo de treinamento, após terem absorvido o impacto de uma língua estrangeira, apesar de estarem em seu próprio país.

Entre a oralidade que o aluno conhece e domina e a língua imposta pela escola existe um abismo enorme, fazendo ele se sentir um estrangeiro na sua própria língua.

Querer aplicar a Gramática Normativa nas séries iniciais, significa inculcar um conjunto prescrições sintáticas consideradas corretas, impor uma série de pronúncias artificiais que como já vimos não correspondem à realidade desses alunos.

Para mudarmos a cara do ensino no Brasil, faz se necessário que tenhamos, uma visão mais sintonizada com o pensamento científico contemporâneo, é preciso criarmos conhecimentos novos, dando voz à língua falada, analisando e respeitando-a, enfim dando o valor que lhe é devido.

Quando estivermos dispostos a refletir sobre a língua que constitui a grande maioria de nossa população, aí deixaremos de considerar como “erros” a fala e a escrita de grande parte de nossa sociedade, para aceitar e condenar como erro as condições em que vive a classe economicamente baixa deste país.

Como já dissemos anteriormente, não somos contra a gramática, mas o que nos preocupa são as maneiras de ensinar a língua materna, as falsas noções de língua e gramática, a obsessão gramaticalista. É contra isto que devemos lutar, para acabar com essa visão distorcida de que ensinar uma língua é ensinar a escrever certo.

Devemos encarar a realidade, aceitando as constantes evoluções da língua e apresentando-as aos nossos alunos. Só assim tornaremos a língua a base de um ensino verdadeiro, não para introduzir aos alunos novas teorias, mas praticar sua própria língua junto com eles. Desta forma, o aluno deixará de ser escravo da língua para se tornar um cidadão senhor dela, dominando-a e manejando-a melhor em defesa de seus ideais.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália - Novela Sociolingüística**. 11ª ed., 2001. Contexto, São Paulo, SP.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro**. 2001. Parábola, São Paulo, SP.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. 6ª ed., 1999. Loyola, São Paulo, SP.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 1989. Scipione, São Paulo, SP.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade**. 4ª ed., 1995. Ática, São Paulo, SP

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática**. 3ª ed., 2001. Ática, São Paulo, SP.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 1997. ALB. Campinas, SP.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 2ª ed., 1997. Cortez, São Paulo, SP.